



Meu pai, um desconhecido?

Autor: David Léo Levisky

Editora: Tao/Blucher, São Paulo, 2022, 242p

Resenhado por: Pierre Ehrlich¹

Lendo o livro, eu passei por diversas surpresas, pelas inesperadas mudanças de tom. “Que azar esse, de meu amigo ter um pai ruim assim.” Um pai distante, pouco afetivo, nada comunicativo, longe no seu trabalho ou trancado na sua oficina de radiotécnico. Um pai que nem sequer se interessou pela educação do filho ou por transmitir-lhe algo, que sejam tradições ou valores. Aparentemente, David cresceu órfão de pai, pelo menos no tocante ao afetivo. Só restava mesmo procurar afeto com a mãe.

Para o leitor, ficam pontas de novelo mal aparadas. Dá vontade de puxar as pontas. O tempo todo está perto da família e de amigos. Mas nenhum “primo cúmplice” substituto do irmão rival; nenhum tio ou conhecido que sirva de guia ou modelo para o pai ausente. Caro leitor, aguarde o fim do livro!

Com esse quadro, não é de estranhar que David tenha vazios no seu espaço de memória e se questiona em como ser pai, sem ter tido um modelo válido. Como o “velho” sempre foi mudo como uma carpa, surge uma ideia “genial” para mobiliar e decorar esse espaço vazio: visitar “espaços” charmosos; tentar copiar o mobiliário e transpô-lo para preencher o vazio insuportável. Bingo! Os quadros de Chagall exibem maravilhosamente emoções que devem corresponder àquelas que foram omitidas. Aliás, além dos quadros, há o livro autobiográfico, escrito aos 35 anos de idade, que

1 Natural da França, imigrou para o Brasil com os pais em 1946. Engenheiro elétrico (pelo ITA, em 1960), tem mestrado em Economia e é PhD pela Universidade Stanford (1973). Foi Consultor em modelos quantitativos para apoio às decisões, professor na Escola de Administração da Fundação Getúlio Vargas em São Paulo (1974-2007), da Escola de Engenharia Mauá e da Escola Politécnica da USP. Foi professor associado na França, entre 1991 e 1997, da Hautes Études Commerciales (HEC) e professor visitante em diversas universidades americanas e europeias. É também autor de diversos livros profissionais e de um livro infantil. Aposentado, vive entre França, Israel e Brasil.

relata um ambiente, vida familiar e experiências que corresponderiam ao que David poderia imaginar para estruturar seu espaço. Mas algo “não cola”: a descrição da cidade de Odessa, assim como o estilo da vida, não se adapta à imagem desejada. Pena!, pois uma identificação com Chagall teria sido a glória para o ego. Esse é o fio condutor para a etapa seguinte. Na falta de Chagall, a região nobre de Odessa também é prestigiosa.

Um feliz encontro reanima uma brasa latente. Vale a pena pesquisar como era a vida em Odessa e a saga da emigração para o Brasil. Como leitor, noto a dificuldade em administrar o conflito entre tradição judaica e assimilação; parte-se do princípio de que são incompatíveis. De fato, no Império Russo, somente era considerado russo quem, além dos esperados atributos, seguisse a Igreja Ortodoxa Russa (e nenhuma outra ou nenhuma outra religião). Ora, a família Levisky em Odessa, assim como a minha em Breslau (Silésia, na época, na Alemanha), aparentemente optou por minimizar a transmissão da tradição, na esperança de que a assimilação fosse um sucesso. Os eventos posteriores mostraram o quanto isso era uma ilusão. Que um judeu falasse iídiche ou não (nem Emmanuel Levisky nem minha família falavam iídiche), que frequentasse a sinagoga ou não, que rezasse com *Tefillin*² ou não, todos eram percebidos pelos *goyim* (o gentio) simplesmente como judeus – um corpo estranho e, ocasionalmente, tolerado.

Num livro autobiográfico, recentemente publicado em francês pelo historiador Elie Barnavie, ex-embaixador de Israel na França, ele conta a história de sua família, muito semelhante à dos Leviskys, só que na Romênia e Moldávia. Em um determinado ponto, o garoto, tendo passado da nacionalidade austríaca para a húngara, para rumena etc., ao sabor dos deslocamentos das fronteiras, pergunta ao pai: – Afinal, qual é a nossa nacionalidade? O pai responde: – Judeus. Um grande número de escritos se assemelha nesse aspecto.

Eu imagino a questão identitária também sendo marcante para os Leviskys. Nessa Europa organizada em países, com fronteiras cambiantes e mal definidas, a própria família Levisky se movimenta entre Rússia, Polônia, Alemanha, França, como se mudasse de bairro. Também acredito que isso tenha impactado sobre o resto da história real de David, a presença do irmão Hélio e seus filhos. Eu não sei qual a percepção dos netos. No momento,

2 *Tefillin*: duas caixas pequenas, feitas de couro, colocadas uma na testa e a outra no braço próximo ao coração. Elas contêm em seu interior preces extraídas dos rolos sagrados, a Torah.

historiadores brasileiros se debruçam sobre a herança da identidade e a transmissão dos traumas da Segunda Guerra Mundial.

David relata como o pai segue a cultura russa, tanto no gosto pelo jogo de xadrez, pela filatelia e numismática, assim como pela literatura, música clássica e música popular russa. Pelo texto, Emmanuel não se interessou em frequentar o excelente Clube de Xadrez de São Paulo ou a sociedade de filatelia. Será verdade, ou desinteresse do filho? David devia ser muito jovem quando São Paulo recebeu a visita de um grande mestre de xadrez que impressionou as pessoas, jogando partidas simultâneas e às cegas no salão da Galeria Prestes Maia; o evento marcou até um jogador medíocre como eu.

E agora, chegamos à surpresa seguinte. Numa vibrante entrevista, descobrimos um Emmanuel adorável, cheio de vida. Um homem que muitos jovens desejariam ter tido como pai. Um modelo de Homem! E isso por meio das palavras do próprio Emmanuel; sem o filtro de David! Para que seu depoimento tenha sido selecionado e entrasse no acervo da memória dos imigrantes, é óbvio que Emmanuel era bem-visto; é óbvio que ele desfrutava de algum prestígio!

E, finalmente, aparece a chave das incompreensões. O problema não é Emmanuel, não é Hélio, é só David mesmo. David percebe que ele “caiu” na saga bíblica de Jacob e Esaú, que já havia entrado na família por Fernando e Emmanuel e que agora se repetia com David e Hélio: o segundo filho recrimina o pai por ele ser segundo, e sempre o será. O ciúme do irmão mais velho é banal; o bloqueio em relação ao pai é mais bíblico. É preciso aceitar o destino e até desfrutar daquilo que ele te contempla! A viagem a Odessa foi melhor que uma peregrinação a Lourdes.

Como amigo de David, só posso expressar minha alegria com o final feliz. Como sempre, em casos semelhantes, lamentamos a ausência de Emmanuel para celebrar o “reencontro”; estará mesmo ausente?

Pierre Ehrlich
pierre.ehrlich@gmail.com

Recebido em: 26/8/2022
Aceito em: 19/9/2022